**JUVENTUDES: ATRAVESSAMENTOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA SÉRIE SEX EDUCATION**

André Luiz Bernardo Storino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO

**Resumo:** A pesquisa de doutorado, em curso, debruça-se sobre as experiências e vivências de alunas e alunos de uma escola da rede pública estadual, localizadas na Baixada Fluminense, RJ, a partir de conversas sobre o ser jovem e as discussões de gênero e sexualidades com/pela/na série Sex Education. Busca refletir como as representações e performatividade constitutivas da Série são discursos dissidentes sobre juventudes, gênero e sexualidades e como elas e eles a percebem, recepcionam e ressignificam. Caminhos, a partir da cartografia e das conversas como método e procedimentos metodológicos. O desenho da pesquisa tem sido construído, desde os bancos de teses, passando pelos sites na internet que indicam séries com o mesmo conteúdo à juventude, aplicação de questionário em turmas do terceiro ano do ensino médio e no Grupo de Exibição e Conversa, em que temos nos dedicados a assistir alguns episódios e conversar sobre eles, pontuando os atravessamentos que a Série tem provocado.

**Palavras-chave:** Juventudes,Cartografia, Conversas como Metodologia; Série Sex Education.

**Introdução**

Este artigo faz parte de uma tese em andamento, cuja conversa se configura como metodologia com jovens de uma escola pública de Ensino Médio, no bairro de Xerém, 4º Distrito do Município de Duque de Caxias-RJ. A partir da série exibida Sex Education, sobrevoando as temática das juventudes, gênero e sexualidades. Assim, como suas correlações com o campo da educação, a partir das narrativas contra hegemônicas.

Dedicamo-nos a ela para chegar as jovens e ouvimos deles o que dela pensam e como as utilizam em suas agências, por dois motivos. O primeiro e um pouco mais perceptível é que elas dialogam com o cotidiano, ainda que dentro de uma lógica hollywoodiana (Giroux, 1995). Contudo, mesmo constituídas dentro deste espectro, mas com a independência que as plataformas de *streaming* possibilitam, exploram mais e explicitamente algumas temáticas pouco desenvolvidas e exibidas pelos canais abertos de televisão. Evidência que se constata não só pelo número de produções no catálogo, também pela forma de abordagem dos temas e conteúdos. O segundo, e menos explícito, é a percepção e recepção dessas representações e performatividade como mecanismos que perpassam a produção e constituição da subjetividade de quem as assiste. Se as utilizam nos enfrentamento das investidas preconceituosas e discriminatórias que ocorrem no espaço e ambiente escolar e como as acionam enquanto dispositivo de empoderamento frente às estruturas de um ambiente escolar cisheteronormativo.

Seja na constituição das séries seja no como discentes as tomam, ambas as perspectivas nos interessam e são questões sensíveis a este trabalho, pois tentar perceber se há relação entre a produção da subjetividade, perpassada por representações (Hall, 2015) a configurar-se em performatividades (Butler, 2015), que (re) arranjam corpos e modos de existir nesses artefatos culturais, reverberam nas vivências do cotidiano escolar.

**Justificativa**

Da mesma forma, investigar como esses artefatos culturais ensejam frestas dialógicas que nos colocam em caminhos de uma outra educação, que não abdicam da relação direta de uma sala de aula, mas que cria uma ponte entre o conteúdo desta e as diversas e múltiplas agências que a vida nos impõe (inter)subjetivamente, como mecanismos políticos-ético-estético-pedagógicos, nas relações construídas com a educação, no tocante ao gênero, às sexualidades, às diferenças, às identidades e às representações.

Perseguimos alguns questionamentos para pensar como as representações dissidentes de gênero e sexualidade dialogam, contra argumentam e agenciam a despeito da lógica heteronormativa. Seguimos tentando conversar com as juventudes que as consome diariamente, por vezes, em eufóricas “maratonas” diante das telas (celular, tablet, computador ou televisão). O que buscam lá? Que tipo de conhecimento traz que a escola negligencia, camufla e/ou nega? Que escapa das nossas práticas? Que sugere fendas, mas que temos receio de entrar? Ou que já estão lá postos, isto é, “múltiplos saberes que transitam em suas salas de aula, trazidos pelos diferentes sujeitos que constituem a vida escolar” (Esteban, 2019, p. 172).

**Objetivos**

Essas interpelações têm nos conduzido à investigação de uma realidade em movimento, de experiência singulares, por isso algumas intenções constituem-se como balizas desse percurso, uma ampla e geral, que é: cartografar as representações sobre gênero, sexualidades e juventudes na Série Sex Education direcionadas à juventude e em que as tramas se passam, sobretudo, no espaço e na perspectiva de alunas/os de uma escola. Enquanto, outras intenções se subdividem, são específicas, para tornar essa conversa possível, a saber: i) Identificar como se dá a construção das identidades de gênero e sexual na série; ii) Analisar como essas identidades podem ensejar uma (des) construção das narrativas hegemônicas sobre gênero e sexualidade, a partir da representação e performatividade que constituem as narrativas; iii) Refletir como os/as jovens as percebem, as recepcionam e se apropriam de suas agência na construção de si e as fazem reverberar no cotidiano da escola.

**Metodologia**

A cartografia é uma possibilidade metodológica que opera sob a perspectiva, cuja a produção do real não advém de uma concepção ontológica do sujeito e nem do espaço, ambos não são tomadas dicotomicamente, mas que ao mesmo tempo não se fundem em um só. Ela abdica da compreensão de uma metafísica dual entre sujeito e objeto, entre espaço e quem o habita. Parte, antes e sobretudo, do vislumbre de que os corpos que o habitam, habitam-no produzindo, tateando os espaços ao mesmo tempo em que também se produzem a si mesmos e produzem-se por meio deles (Deleuze, 1992, 1995; Rolnik, 1989).

Processo que pode ser pensado como um habitar ou acontecimento, ou como uma irrupção de uma singularidade quando se trata de olhar a história (neste caso, aqui reduzimos a estória de cada pessoa), conforme apontado por Irene De Arruda Ribeiro Cardoso, ao demonstrar como Foucault toma a noção de acontecimento: “Foucault entende o acontecimento como a irrupção de uma singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção” (1995, p.55).

O acontecimento Sex Education, deu-se após uma filtragem das séries mais indicadas por site que apresentam conteúdo para a juventudes, um segundo filtro foi a aplicação de uma questionário nas turmas e nas conversas em sala, pátio e demais espaços da escola e fora dele, então chegamos a defini-la como a série a qual seria aponte entre nós. Como nossas conversas se deram em diferentes espaços e foram se estendendo para além dos muros da escola e ultrapassando seu tempo regulamentado, pois as/os participantes desse processo começaram em 2023, ainda estudantes do terceiro ano do ensino médio, e em 2024, ex-alunas/os que voltam à escola para dar prosseguimento às conversas sobre a série, sobre o que pensam e sobre si mesmas/os nos Grupo de Exibição. Este é um momento em que assistimos e conversamos sobre alguns episódios.

E como as Conversas se deram em sala de aula, no pátio da escola, no transporte em dois passeios escolares, ao assistir as exibições, no restaurante, na rua… Nesse sentido, é importante salientar que os espaços da produção dos dados dessa pesquisa considera o dentro e fora, antes e depois, da escola como lugares habitados pelas/os participantes, por isso se vale do reconhecimento atento, no qual é elaborado no próprio caminhar e permite “(...) a própria criação do território de observação (Kastrup, 2014, p. 45)”.

**O que temos encontrado...**

A pesquisa, ainda em curso, traz algumas possibilidades que essas experiências nos tem deixado ver em relação a utilização da séries para as discussões sobre identidade de gênero e sexualidades, tais como: o acesso a esse conteúdo de forma solitária, os interesses com a temática cada vez mais buscado pela juventudes em seu grupos a depender das avaliações positivas que se tem, a identificação com personagens que dialogam diretamente com as suas identidades de gênero e sexual. Assim como permitir as discussões mais abertamente sobre orientação sexual, sexo, empoderamento dentre outros temas sensíveis a elas e eles enquanto jovens. Como exemplo, o problematização levantada por um dos participantes ao tensionar os limites entre a atuação de uma pessoa gay e um menino “gay de verdade”, uma vez que a conversa sobre a representatividade era importante, mas pontuava que ela deveria se dar sobretudo com pessoas que pertencessem a comunidade LGBTQIA+, pois tal representação, de fato, traria efetividade. Aqui não se entra no mérito se isso é ou não mais efetivo, mas na problematização que um participante traz à tona ao debater a ocupação desse lugar.

**Conclusão**

A pesquisa vem se valendo da conversar para cartografar ao mesmo tempo em que cartografa conversando, conversa com as juventudes, a partir dos seus interesses e atravessamentos, no que tange as questões de gênero e sexualidades. Tem percebido que o diálogo que elas e eles estabelecem com a série e suas narrativas compõem e se configuram como mecanismos desenvolvidos para os enfrentamentos dos processos de normatização e normalização que enfrentam diariamente.

**Referências**

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Trad. Renato Aguiar. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. (col. Sujeito e História).

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. **Tempo Social,** [S. l.], v. 7, n. 1/2, p. 53-66, 1995. DOI: 10.1590/ts.v7i1/2.85206. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/85206. Acesso em: 21 ago. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1.**  Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)

ESTEBAN, M. T. Diálogos sobre formação docente comprometida com uma escola pública popular. **Série-Estudos** - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, *[S. l.]*, v. 20, n. 52, p. 171–192, 2019. DOI:10.20435/serie-estudos.v20i52.1355. Disponível em: https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1355. Acesso em: 27 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1989.